

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

REGRAS DA EDUCAÇÃO DO GÊNERO FEMININO APYÃWA/TAPIRAPÉ

Rules for the education of the
Female gender Apyãwa/Tapirapé

Normas para la educación del género femenino
Apyãwa / Tapirapé

Makato Tapirapé
Mestranda do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: makatoapyawa2019@gmail.com

Eunice Dias de Paula
Professor Doutor do PPGECEII - Mestrado
Profissional em Ensino e Contexto Indígena
Intercultural - UNEMAT.
ORCID: 0000-0003-1782-5570
E-mail: xeretyma@uol.com.br

Como citar este artigo:

TAPIRAPÉ, Makato & PAULA, Eunice Dias de.
Regra da educação do gênero feminino
Apyãwa/Tapirapé In **Revista de Comunicação
Científica** – RCC, Set./Dez., n. 09, pgs. 33-48,
2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 9 (2021)
ISSN 2525-670X

REGRA DA EDUCAÇÃO DO GÊNERO FEMININO APYÃWA/TAPIRAPÉ

Rules for the education of the female gender Apyãwa/Tapirapé

Normas para la educación del género femenino Apyãwa/Tapirapé

Resumo

Esta pesquisa foi feita na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT. O objetivo deste trabalho foi investigar especificamente sobre a Educação Feminina Apyãwa, bem como observar como ocorre o processo de Educação Tradicional no dia a dia, desde a gestação até a fase adulta das nossas mulheres Apyãwa. E também como a nossa comunidade desenvolve uma educação própria para as meninas dentro da sua família e na sua própria casa. Destaco, ainda o jeito de educar, os ensinamentos das nossas filhas e a aprendizagem delas.

Palavras chaves: Educação feminina Apyãwa, Tradição, Cultura.

Abstract

This research was conducted in Tapi'itãwa village, located in the Urubu Branco indigenous reserve, in the municipality of Confresa, in the state of Mato Grosso, Brazil. The objective is, specifically, to analyze female Apyãwa (Tapirapé) education, as the traditional process of education occurs in day-to-day life from pregnancy through adulthood of our Apyãwa women. Because our community has specific educational practices for girls within their families, in their own homes, I wish to highlight the manner of educating, the teaching of our daughters and their learning.

Key words: Apyãwa female education, Tradition, Culture.

Resumem

Esta investigación se llevó a cabo en la Aldea Tapi'itãwa, Tierra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT, Brasil. El objetivo de este trabajo fue investigar especificamente sobre la Educación de las Mujeres Apyãwa, cómo se está dando el proceso de Educación Tradicional en la vida cotidiana, desde el embarazo hasta la edad adulta de nuestras mujeres Apyãwa, cómo nuestra comunidad desarrolla su propia educación para las niñas dentro de su familia y en tu propia casa. Destaco también la forma de educar, las enseñanzas de nuestras hijas y su aprendizaje.

Palabras clave: Educación femenina Apyãwa, Tradición, Cultura.

Introdução

Este trabalho de pesquisa busca conhecer melhor a concepção específica da Educação Feminina do nosso povo Apyãwa/Tapirapé, pois, acreditamos que este é o caminho possível para recuperar a nossa verdadeira educação, para que futuramente a nova geração feminina venha a tomar conhecimento sobre a sua própria educação.

A grande preocupação é com a aprendizagem delas na vivência diária, como podemos valorizar mais ainda os ensinamentos próprios. Consideramos que é muito importante produzir nosso próprio material didático, adequado a nossa realidade. Por isso, o interesse neste registro, enquanto ainda permanecem pessoas que sabem ensinar, para cada família Apyãwa da nossa geração conhecer melhor a nossa verdadeira Educação Tradicional, quais compromissos que as mulheres devem cumprir, respeitar, valorizar e praticar. Para realizar este trabalho, pedimos ajuda dos mais velhos, que entendem melhor sobre a Educação Tradicional. Este trabalho, vai contribuir com a comunidade Apyãwa para que esse conhecimento futuramente possa ser valorizado mais ainda. Esta pesquisa propõe, então, de forma bem clara, uma retomada do papel da Educação Tradicional das meninas, jovens e mulheres dentro da sociedade Apyãwa.

Atualmente, a população Apyãwa soma cerca de 895 pessoas distribuídas em oito aldeias ao longo da Terra Indígena Urubu Branco e da Área Indígena Tapirapé/Karajá: Tapi'itãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa e Inataotãwa, na Terra Indígena Urubu Branco, nos municípios de Confresa, MT, Porto Alegre do Norte, MT e Santa Terezinha, MT e Majtyritãwa, na Área Indígena Tapirapé-Karajá, no Município de Santa Terezinha-MT, todas situadas na região Nordeste do Estado de Mato Grosso.

A nossa língua é a língua Apyãwa, classificada na família tupi-guarani, que pertence ao Tronco Linguístico Tupi (RODRIGUES, 1986). Todos os Apyãwa falam na sua própria língua, as crianças aprendem a nossa língua como primeira língua e, mais tarde, aprendem também a língua portuguesa porque necessitamos interagir com os não indígenas que moram no entorno das terras indígenas.

O presente trabalho pretende realizar uma abordagem do desenvolvimento das meninas durante as suas aprendizagens, especificamente, das atividades realizadas por elas, para entender melhor o processo de sua aquisição de conhecimentos. Também considero que esses aspectos do trabalho serão reconhecidos pelas pessoas que ainda não compreendem corretamente a verdadeira educação feminina Apyãwa, porque o processo de aprendizagem de nosso povo, muitas vezes, passa despercebido pelas outras sociedades envolventes.

Por isso, o produto deste trabalho será bastante útil ao nosso povo Apyãwa/Tapirapé em sala de aula para os professores Apyãwa, para outros professores das outras etnias e para os professores não indígenas. Para realizar este trabalho, realizei pesquisa bibliográfica e entrevistas com as mulheres sábias da cultura Apyãwa: a sra. Joana Ataxowoo Tapirapé (*in memorian*) e a sra. Maria Rita Iparewã Tapirapé, conhecedoras de nossa educação tradicional.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresento a Educação para Mulher Gestante Apyãwa e o Parto. Na segunda seção, descrevo a Iniciação para a primeira menstruação e, na 3ª. seção, apresento a Segunda cerimônia da menstruação da moça; na 4ª. seção, apresento os Ensinamentos adequados para as moças Apyãwa, A mulher adulta e a vida em sociedade, e, por fim, A importância da casa própria para o gênero feminino Apyãwa.

Educação para mulher gestante Apyãwa

Na sociedade Apyãwa, consideramos que a educação da criança começa desde quando a criança está em gestação, nós dizemos que a mulher está *iporo'ã* 'mulher grávida'. Paula (1997, p. 15), que pesquisou sobre esta questão, afirma que:

O processo de socializar a criança começa mesmo antes do parto, como transparece no comportamento dos pais grávidos: ambos fazem dieta alimentar própria do período de gestação, a fim de que a criança seja bem gerada. O pai também deve se abster de fazer serviços mais pesados, com particular atenção nos últimos meses da gravidez. Tanto os pais como os avós conversam com a criança dentro do ventre materno, recomendando-lhe para que nasça bem.



Quando chega o momento de a criança nascer, nós dizemos *a'ât* 'a criança nasceu'. Para esse momento, há muita preparação:

O parto se constitui num momento muito especial: quando começam as contrações, a parteira, que pode ser a avó ou outra mulher mais velha da família, massageia a barriga da mãe com alguns grãos de amendoim moídos, incentivando continuamente o bebê para nascer bem e, ao mesmo tempo, acalmando a mãe. O ambiente é preparado para ficar em penumbra e as crianças maiores são retiradas para evitar barulho. A expectativa do nascimento é partilhada por todas as pessoas da aldeia, não se prepara nenhuma comida nova, enquanto a gestante estiver em trabalho de parto. Se por acaso houver sobras de algum alimento cozido anteriormente, como cauim ou peixe assado, devem ser consumidos rapidamente ou serão jogados fora assim que nenê vir à luz. O mesmo acontece com a água armazenada nos potes de barro. Por isso, a família da parturiente deve avisar a todos quando se inicia o trabalho de parto. Se alguém comer desavisadamente alguma comida que já estava pronta, pode solicitar pagamento da família da criança que nasceu. (PAULA, 1997, p. 15).

Os cuidados com o bebê continuam depois do nascimento. Tanto a mãe como o pai são aconselhados pelas avós, que ensinam as regras que devem ser seguidas neste período. Nós dizemos que é *xekakopãwa* 'resguardo'.

No período pós-parto, pai e mãe observam repouso, dentre outros preceitos, genericamente chamados de *couvade*. Mantém rigorosa dieta alimentar, só podendo ingerir cauim, uma espécie de mingau preparado com arroz ou milho pilado. Atualmente, o pai fica só quatro ou cinco dias de repouso, uma vez que as necessidades dos outros filhos, há casais com seis, ou mais filhos, exigem que ele retorne mais cedo às atividades normais, diferentemente do que ocorria antes, quando o número de crianças era menor. Continuam, porém, cumprindo as exigências prescritas para que nada de mal aconteça ao bebê: para poder sair do resguardo têm que se pintar com jenipapo e passar urucum nos cabelos. Entretanto, a mãe continua em repouso pelo tempo que durar o sangramento pós-parto. Quando isso acontece, ela poderá sair, desde que seus cabelos sejam untados com uma densa camada de pasta de urucum. (PAULA, 1997, p. 16).

Os cuidados com o bebê continuam durante o período do resguardo:

O bebê também é massageado com urucum, de preferência, o urucum amarelo, e recebe intensos cuidados até que caia o umbigo, cujo coto ressequido é amarrado no punho da rede da mãe. Isto é feito para que, se porventura ocorrer o óbito daquela criança, o coto umbilical será enterrado junto. (PAULA, 1997, p. 16).

Por isso, antes de comer peixe, nesses dias, o pai do bebê ou o avô vão buscar um cipó chamado timbó para beber a água do cipó, sendo que os pais do bebê passam essa água em todas as juntas e a mãe também passa a água do cipó nos dois seios dela, isso é muito fundamental para as mulheres Apyãwa, é uma forma dos casais nesses dias se prevenirem e evitar de pegar a doença reumática. Mesmo depois de sair do resguardo, os pais continuam seguindo várias regras:

Segundo as concepções do nosso povo, se o pai precisar sair da aldeia, para buscar lenha, ir à roça ou caçar, deverá levantar uma pequena barreira de areia ou as folhas verdes na estrada, logo após a saída da aldeia, para evitar que o espírito da criança o acompanhe, pois poderá ficar perdido na mata. Evidenciam-se, assim, inúmeros cuidados preventivos que são praticados pelos genitores e avós com o intuito de garantir a boa saúde do bebê. Depois disso é liberado para eles comerem outros alimentos, mas é mantida uma dieta com restrições específicas até o momento do desmame, que geralmente ocorre entre um ano e meia a dois anos de vida. Não é raro que qualquer problema que aconteça com a criança seja atribuído a um descuido alimentar dos pais. (PAULA, 1997, p. 16).

A maneira de se referir ao filho ou filha é diferente se é o pai ou a mãe que falam e também há uma regra cultural para dar nomes para uma criança, além de nomes que denominam as faixas etárias:

A mulher chama seu filho de *xememyra*, referindo-se tanto as meninas como aos meninos, enquanto o pai diz *xera'yra* para os filhos e *xeraxyra* para as filhas. O nome próprio da criança vai ser dado por um avô ou avó e já pertenceu anteriormente a um parente da família. Na puberdade, quando há troca de nomes, a criança recebe o mesmo nome que este antecessor ou antecessora usava quando jovem. Dessa forma, os nomes próprios são patrimônios familiares, herdados sucessivamente pelos membros de um mesmo grupo familiar. Há, ainda, um nome designativo da faixa etária na qual a criança se encontra - o recém-nascido do sexo masculino é chamado de *xikōja* ou *nami'i*, enquanto a menininha é chamada de *mireri* ou *ata'i*. (PAULA, 1997, p. 17).

Quando a criança já tem, mais ou menos, um ano, a família se prepara para o desmame, que é o primeiro ritual que uma pessoa passa na sua vida, como descreve Paula (1997, p. 17):

A ocasião do desmame também é celebrada de modo especial - durante aproximadamente um mês os pais guardam uma dieta ainda mais rigorosa do que a que vinham observando. Para que a criança vá se desacostumando de mamar, a mãe cola com resina vegetal, chumaços de algodão sobre os próprios seios. Hoje há muitas que utilizam sutia para

Regras da educação do gênero feminino Apyãwa/Tapirapé

fazer o mesmo efeito. Ao fim desse período, a criança é pintada com jenipapo e urucum, enfeitada com muitas contas, penugem de pato e penas de arara e todos sabem que ela deixou de mamar. Há na língua um verbo, *apa'ak*, 'ela parou de mamar', designando exatamente essa mudança na vida da criança e o cerimonial que a acompanhe.

Desse modo, a vida de um bebê é acompanhada de muitos cuidados, desde a gestação. Na figura 01, vemos a avó cuidando de sua neta grávida. Na figura 02, observamos o casal no resguardo depois do nascimento do bebê. A mãe da jovem está passando urucum nos cabelos dela. O rapaz está pintado conforme as regras deste período. A pintura significa que ele já poderá deixar o resguardo.

Figura: 01 e 02 – Cuidados com a mulher gestante e o resguardo dos casais.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011.

Iniciação para a primeira menstruação

Nesta seção, tratamos a realidade da moça na primeira menstruação dela. Neste momento, há uma grande expectativa da mãe ou da família dela, quando uma menina Apyãwa completa a sua idade de 10, 11 ou 12 anos. O ritual da primeira menstruação é uma ocasião muito solene na vida da menina:

A moça, assim que percebe o sangramento menstrual pela primeira vez, avisa sua mãe e rapidamente a notícia se espalha pela aldeia. As mulheres se reúnem na casa da nova moça e há uma sessão coletiva de conselho e recomendações. Há um cuidado especial para que a moça, enquanto estiver menstruada, não banhe no rio, pois corre o risco de virar *ipirawira* (boto), como dizem que aconteceu com uma ancestral dos Tapirapé. A mãe

Makato Tapirapé; Eunice Dias de Paula



39

além de manter constantemente cauim preparado para alimentar a filha, deve banhá-la discretamente num cercadinho de palha, construído atrás da casa especialmente para este fim. Outro cuidado é fazer com que ela mastigue, sem engolir, sementes de *morio* (murici grande), para que seus dentes não se estraguem. Ainda outro preceito a ser seguido é que a moça deve permanecer com o pé pousado sobre uma pedra, enquanto durar o resguardo. A razão disso, segundo Tapa'i, é para que ela se torne uma mulher que não caminhe muito, isto é, que não seja estouvada. A reclusão é mantida até que a tinta com que a jovem foi totalmente pintada de preto no primeiro dia do fluxo menstrual, saia de seu corpo, para poder, então, receber uma elaborada pintura corporal. (PAULA, 1997, p. 23).

Durante o período de tempo que a menina está de resguardo, a sua mãe e a sua avó, ou mesmo as tias, preparam os adornos que ela usará quando sair da reclusão, como explica Paula (1997, p. 23),

durante este período, a mãe e a avó preparam arduamente para confeccionar a tempo enfeites de algodão – *tamakorã* -, as joelheiras, *ywãwara*, as tornozeleiras, *myxo'ỹ*, e as que envolvem os pulsos, *maãpy*, além do *tamakorã amapira*, longas franjas de algodão tingido com urucum e que serão atados aos pulsos. Ao final desse período que dura uma semana ou pouco mais, há uma nova reunião feminina para assistir à preparação da jovem, que depois de ter seus *tamakorã* colocados, é ainda bastante enfeitada, com penugens de pato coladas sobre seu corpo e espessa camada de urucum sobre seus cabelos. Usando inúmeros colares de miçangas e dentes de capivara, sai para ser mostrada para a aldeia.

A primeira menstruação da menina é considerada como a primeira iniciação da moça. Por isso, a menina Apyãwa muda o nome de acordo com o costume, acontecendo essa mudança durante a cerimônia elaborada na aldeia pela sua família, deixando o seu nome da criança. À noite do dia da saída da moça, é divulgado o novo nome dela através de um canto e esse nome é recebido junto com seus familiares. Esse nome também é escolhido pelos mais velhos.

Ao contrário do rapazinho, o nome de criança da moça poderá ser pronunciado pelos homens, de acordo com o costume. Por outro lado, o pai, a mãe e seus irmãos e irmãs, estão juntos com o novo nome da moça, pelo qual ela será chamada. Esse nome novo da moça é sempre divulgado e entoado pela especialista no terreiro da Takãra para as pessoas das nossas comunidades ouvirem e decorarem o novo nome da moça e dos parentes dela.

Segunda cerimônia da menstruação da moça

Na segunda menstruação da moça, todo esse ritual se repete, mas a pintura corporal dela é totalmente diferente. Por isso, nesse momento, a educação e aprendizagem das moças é mais avançada e rigorosa para que a moça possa pretender ser como uma mulher sabedora de diversos conhecimentos em sua vida adulta. Com isso, ela pode ser uma jovem sabedora e, futuramente, poderá ser uma especialista para seu povo.

Por isso, no segundo ciclo menstrual, a moça deverá se dedicar ao preparo da farinha e do cauim. A salivação do cauim é uma tarefa que compete, preferencialmente, às jovens. É verdade que esses aprendizados parecem ser mais simbólicos, uma vez que as meninas já vinham participando das tarefas domésticas desde muito antes.

Toda essa educação e aprendizagem repassada para as moças, através das mães e avós, elas cumprem muito e respeitam para que essa cultura continue sendo valorizada pela nova geração. Por isso, a importância da nossa identidade étnica é fundamental para a nossa futura geração Apyãwa. Assim, ocorre o processo educativo das moças Apyãwa na segunda menstruação delas.

Figura 03 – Segunda cerimônia da menstruação da moça Apyãwa.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2010

Makato Tapirapé; Eunice Dias de Paula

Ensinaamentos adequados para as moças Apyãwa/Tapirapé

Desde os 9 anos de idade em diante, as meninas são iniciadas e, neste período, são ensinadas a realizar várias atividades que as mulheres Apyãwa praticam, como: as pinturas corporais, como cuidar do bebê, tecelagem em algodão, como preparar os alimentos tradicionais, entre outras atividades. Tudo isso constituía a aprendizagem das meninas desde muitos anos atrás. Por isso, até o momento, essa educação das meninas é de suma importância para elas, sendo que valorizamos e respeitamos essa tradição da educação feminina.

Com essa educação repassada, as meninas são ensinadas de forma mais aprofundada durante a sua primeira menstruação, na qual passa por um longo tempo somente dentro da sua casa, só bebendo kawi 'cauim', sem comer qualquer outro alimento.

Durante estes dias, a avó, junto com a mãe da moça, vai preparando todos os instrumentos para enfeitar a saída da menina quando sair fora da casa. À noite, o nome novo da moça é divulgado e recebido junto com seus familiares. Esse nome é escolhido pelos mais velhos. Por isso, registramos as atividades realizadas pelas moças Apyãwa que são mais difíceis e importantes na sua aprendizagem, para que, futuramente a nova geração possa continuar com a nossa cultura, como: fazer os adornos, *maapy* 'bracelete', *ywaawãra* 'tornozeleira usada abaixo dos joelhos', *myxo'ỹ* 'tornozeleira', variedades das pinturas corporais e outras atividades que pertencem aos trabalhos das mulheres Apyãwa.

Por isso, na sociedade Apyãwa, a educação se inicia dentro da família com incentivo do próprio pai, da mãe, dos avôs e dos irmãos. Nunca uma criança aprende sem ser incentivada. Desta forma, os valores culturais tradicionais do povo Apyãwa são vivenciados no dia a dia, sendo praticados de geração em geração. As jovens aprendiam a usar os objetos desde criança, porque cumpriam a obrigação da família. Aprendiam a usar a peneira, o pilão, a cuia, que eram preparadas para elas. Assim, a educação era praticada durante todos os trabalhos no espaço feminino ocupado tradicionalmente. É deste modo que o povo Apyãwa precisa valorizar o que é seu, todos os valores e conhecimentos que são praticados no dia a dia. A figura 04 é um registro das atividades realizadas pelas moças.

Figura 04 – Fotografia da moça fazendo as pinturas



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011

Figura 05: Fotografia da moça tecendo os adornos de algodão



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011

Preparação para as meninas cuidarem dos filhos futuramente

Durante muitos anos atrás e, atualmente, a aprendizagem das meninas vem sendo valorizada de acordo com a realidade Apyãwa/Tapirapé e a educação feminina é de suma importância na cultura. Por isso mesmo, desde menina e até se tornar moça, a aprendizagem delas para cuidar dos filhos, futuramente, ocorre através da criação de algumas aves. Primeiramente, elas têm a tarefa de cuidar de alguns passarinhos que são, especificamente, criação das meninas, como: filhotinho de pomba, papagaio, periquito e outros mais.

Essas criações de aves são os principais exemplos na preparação das meninas para cuidarem de seus futuros filhos. Durante essa aprendizagem, elas cuidam bem direitinho da sua criação, para não deixar morrer nenhum e dar de comer de forma adequada. Com essa experiência adquirida, as meninas irão conhecendo melhores condições para cuidar dos seus futuros filhos. Por isso mesmo, as jovens Apyãwa/Tapirapé se casam bem novinhas, porque elas são ensinadas, sobretudo, naquilo que as mulheres fazem, principalmente, nos cuidados dos seus futuros filhos e tudo isso fazia parte do estudo das mulheres na época antiga e atualmente.

Figuras 06 e 07 – Aprendizagem das moças durante a criação de periquitinhos.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011

Por isso, as meninas Apyãwa/Tapirapé não se preocupam quando se casam, pois já vêm sabendo de tudo, porque, desde meninas, elas estão praticando os cuidados com a responsabilidade de criar bem os filhotinhos das aves. Dessa forma, as meninas Apyãwa/Tapirapé aprendem os conceitos de cuidados com os seus animais de criação, cuidados que servirão para cuidar até mesmo dos seus futuros filhos.

A mulher adulta e a vida em sociedade

Quando a mulher é adulta, o modo de vida dela não permite acompanhar as mais novas. Ela pode ser uma mulher conscientizadora das mais novas, para mostrar o importante papel que uma mulher adulta faz, tanto na produção de arte plumária, ou fazer uma comida e de como cuidar bem de saúde dentro de casa, ou seja, de uma família. Ela é bem preparada para informar as outras mulheres jovens sobre os cuidados que podem ter em relação aos trabalhos realizados no dia a dia. A mulher adulta é respeitada pelas crianças, tanto quanto as crianças também são respeitadas por ela.

Na vida, ela representa dignidade, fidelidade e competência. O papel dela é fundamental no ensino e na aprendizagem das juventudes. Assim, uma mulher adulta mostra a superioridade no comando de ter atitude no plano de trabalho, principalmente, na organização das tarefas domésticas. As mulheres adultas também possuem um importante papel ritual, pois elas podem ser donas de *Axyga* 'Espíritos' que fazem parte das nossas cerimônias. Nesse caso, ela cuida dos alimentos que serão oferecidos aos *Axyga* e só ela pode pedir aos Espíritos para que nada de mal aconteça aos Apyãwa, como no caso do ritual de *Tawã* 'Cara Grande':

O Espírito *Tawã* fica quieto e abaixa a cabeça para ouvir a mulher que, por sua vez, também adota uma postura séria ao falar com *Axyga*. Para este ato, a dona de *Tawã* sempre leva uma criança pequena ao colo, o que pode indicar que o pedido de uma vida longa e sem doenças tem a ver com a responsabilidade em cuidar dos filhos e netos. *Myraty*, segundo Koxamare'i, é o nome do Espírito *Tawã*, um nome que também é usado pelos Apyãwa (trata-se de um nome masculino de criança). Após a fala da mulher, os *Axyga* voltam para o *Takawytera*, onde se organiza uma longa fila que dará

Regras da educação do gênero feminino Apyãwa/Tapirapé

a volta na aldeia, passando pelos terreiros de todas as casas. (PAULA, 2014, p. 219).

As mulheres adultas também cuidam das filhas e dos filhos, fazendo os adornos corporais e as pinturas usadas nas festas, como se pode observar nas fotos 09 e 10.

Figura 08: Mulher adulta tecendo *Myxo'ỹ* no tornozelo de uma menina.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011

Figura 09: Mulher adulta na participação das festas tradicionais.



Fonte: Kamajrao Tapirapé, 2011

Makato Tapirapé; Eunice Dias de Paula

A importância da casa própria na aprendizagem das meninas Apyãwa

Desde as épocas passadas e, atualmente, as nossas casas próprias são espaços fundamentais para as mulheres Apyãwa, uma vez que até hoje valorizamos e respeitamos os ensinamentos e aprendizagens pelas mães ou avós que ocorrem dentro das casas. Por isso, o lugar certo de educar, de aprendizagem ou ensinamentos das meninas pelas mães ou avós são sempre na sua própria casa. As mulheres mais velhas repassam os conhecimentos sobre tudo aquilo que as mulheres Apyãwa realizam, como se faz as variedades dos adornos, os vários tipos de pinturas corporais, como se faz cauim (kawi), como se faz farinha de mandioca e, até mesmo como cuidar o bebê. Tudo isso fazia parte do estudo das mulheres Apyãwa na época antiga e respeitamos até hoje os ensinamentos e aprendizagens que ocorrem dentro das casas.

Com toda a demandada atualidade, até o momento, a cultura das mulheres Apyãwa ainda permanece forte, sendo vivenciada por elas nas casas e na aldeia. É uma educação indígena, aquela que o não indígena chama de educação informal. Mas é nessa educação que estão presentes os valores culturais do povo Apyãwa-Tapirapé, os sabedores e conhecimentos milenares conservados nas festas, cantos, danças, na culinária e nas crenças. Essa é a nossa verdadeira escola Apyãwa.

Considerações Finais

Realizamos este trabalho de pesquisa conforme a Educação Tradicional das mulheres Apyãwa da aldeia Tapi'itãwa, junto com as pessoas sabedoras sobre o tema descrito. Foi gratificante perceber que a cultura feminina Apyãwa permanece ainda forte e viva. Assim, este artigo vai contribuir com aquelas pessoas que ainda não compreendem direito a verdadeira educação feminina. Esperamos que este conhecimento contribua com os alunos (as) da educação básica que queiram conhecer melhor sobre educação tradicional do gênero feminino Apyãwa/Tapirapé.

Anteriormente, a educação feminina era proibida de ser registrada em alguns aspectos, pois, naquela época, a tradição não permitia. Mas, atualmente, com o

passar o tempo, sabemos que a cultura é dinâmica, por isso, nesse momento, o próprio povo Apyãwa aceitou o registro escrito que foi um passo fundamental, pois, com isso nossos conhecimentos ancestrais estarão registrados.

Finalizando este trabalho de pesquisa, aproveitamos este espaço para compartilhar estes saberes do povo Apyãwa, com os jovens e com as crianças no fortalecimento e na valorização de nossas tradições, uma vez que ainda permanece forte e viva a educação tradicional das nossas mulheres Apyãwa.

Fontes e Referências

PAULA, Eunice Dias de. **A língua dos Apyãwa – Tapirapé – na perspectiva da Etnossintaxe**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendaju, 2014.

PAULA, Eunice Dias de. **Escola Tapirapé: Processo de Apropriação de Educação Escolar por uma Sociedade Tupi**. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). UNEMAT: Luciara, MT, 1997.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TAPIRAPÉ, Joana Ataxowoo. **Anciã, sabedora dos conhecimentos tradicionais do povo Apyãwa, moradora da Aldeia Tapi’itãwa, T.I. Urubu Branco**. Confresa, MT.

TAPIRAPÉ, Makato. **Educação feminina conforme a cultura tradicional do povo Apyãwa/Tapirapé**. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso, UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2012.

TAPIRAPÉ, Maria Rita Iparewã. **Sabedora dos conhecimentos tradicionais do povo Apyãwa, moradora da Aldeia Tapi’itãwa, T.I. Urubu Branco**. Confresa, MT.

Recebido: 14/06/2021
Aprovado: 27/07/2021
Publicado: 01/09/2021